

## ELASTOGRAFIA MAMÁRIA X ULTRASSONOGRAFIA CONVENCIONAL NO DIAGNÓSTICO DE NEOPLASIAS MAMÁRIAS

PAULA, G. M. R.<sup>1</sup>, OLIVEIRA NETO, J. M.<sup>1</sup>, TENÓRIO, G. M. B. P.<sup>2</sup>, CORREIA, A. C. M.<sup>1</sup>, TENÓRIO, M. S. D. P.<sup>1</sup>, SANTOS, L. J. R. P.<sup>3</sup>

<sup>1</sup>Acadêmicos de Medicina do Centro Universitário CESMAC, Maceió-AL

<sup>2</sup>Acadêmico de Medicina do Centro Universitário TIRADENTES, Maceió-AL

<sup>3</sup>Médico Ginecologista e Obstetra

Introdução: O câncer de mama é a neoplasia mais comum entre mulheres, representando cerca de 16% de seus tumores. Logo, aconselha-se que mulheres acima de 40 anos ou com histórico familiar da doença façam anualmente, como forma de prevenção, a mamografia. Em caso de achados clínicos ou mamográficos anormais, utiliza-se a ultrassonografia como instrumento adjuvante à mamografia, auxiliando na caracterização e identificação das lesões. Porém, seu uso é limitado, além de possuir um valor preditivo positivo (VPP) baixo (10,3%). Objetivo: Comparar o uso da elastografia mamária com a ultrassonografia convencional no rastreamento de neoplasias. Metodologia: Revisão de literatura com coleta de dados de fontes secundárias, por meio de levantamento bibliográfico nas seguintes bases de dados: Scielo, Pubmed e Lilacs, com a seguinte formatação: “Ultrasonography OR Ultrasound AND Breast cancer AND Screening AND Elastography”, totalizando 164 artigos. Após a aplicação dos critérios de inclusão foram selecionados 4 artigos. Resultados: A ultrassonografia convencional apresenta limitação dos resultados em função de variáveis: tamanho da mama; profundidade das lesões; heterogeneidade do parênquima mamário, além de ser operador dependente. Desse modo, verifica-se alta incidência de falsos positivos. Estima-se que 11,2% das mulheres rastreadas foram submetidas à biópsia, a qual foi positiva em apenas 3,35% dos casos. Nessa perspectiva, surge a elastografia, que consiste em classificar a lesão mamária de acordo com sua elasticidade. Essa técnica baseia-se no princípio de que, quanto maior a dureza da lesão, maior a velocidade de propagação da onda ultrassonográfica e o seu potencial de malignidade. Assim, verifica-se desempenho diagnóstico promissor na utilização dessa técnica, com alta sensibilidade (70,1%), especificidade (93%) e VPP (77,7%). Conclusões: A elastografia mostrou-se útil na avaliação de mamas densas e de lesões com baixo potencial de malignidade, evitando biópsias desnecessárias, já que é uma técnica que aumenta a especificidade e a precisão diagnóstica da ultrassonografia convencional.

## REFERÊNCIAS:

YOUK, J. H.; GWEON, H. M., & SON, E. J. Shear-wave elastography in breast ultrasonography: the state of the art. **Ultrasonography**. v.36, n. 4, p. 300–309, 2017.

PARDAL, R. et al. Rastreamento de lesões mamárias: estudo comparativo entre a mamografia, ultrassonografia modo-B, elastografia e resultado histológico. **Radiol Bras**, São Paulo, v. 46, n. 4, p. 214-220, Aug. 2013.

GRAZIANO, L. et al. Elastographic Evaluation of Indeterminate Breast Masses on Ultrasound. **Rev. Bras. Ginecol. Obstet.**, Rio de Janeiro, v. 39, n. 2, p. 72-79, Feb. 2017.

NASTRI, C. O.; MARTINS, W. P.; LENHARTE, R. J. Ultrassonografia no rastreamento do câncer de mama. **Femina**, São Paulo, v. 39, n. 2, p.97-102, fev. 2011.